

MENDONÇA FILHO CONTRA MENDONÇA FILHO. BACURAU E O AGENTE SECRETO[1]

MENDONÇA FILHO VS. MENDONÇA FILHO: BACURAU AND THE SECRET AGENT

Cristian Nahuel Marsili[2]

RESUMO

O artigo tem um objetivo de fundo, que é refletir sobre a sociedade atual das democracias latino-americanas, por meio, por um lado, da contraposição de duas formas de fazer cinema político e social, representadas por Bacurau e O Agente Secreto, ambos filmes de Mendonça Filho. Por outro lado, aborda também duas formas de fazer sociologia ou teoria crítica. Ao mesmo tempo, essas abordagens são paralelas às formas de fazer cinema que são contrastadas: compartilham o mesmo espírito — enquanto algumas simplificam a análise social, outras a tornam mais complexa.

Palavras-chave: cinema político, teoria crítica, América Latina.

ABSTRACT

This article has an underlying objective: to reflect on contemporary society within Latin American democracies by contrasting two approaches to political and social filmmaking — represented by Bacurau and *O Agente Secreto*, both films by Mendonça Filho. It also addresses two ways of practicing sociology or critical theory. These approaches parallel the contrasting filmmaking styles: they share the same spirit — while some simplify social analysis, others render it more complex.

Keywords: political cinema, critical theory, Latin America.

Sabemos onde está Bacurau, mas não sabemos quando. Embora tenha elementos que nos fazem pensar em uma distopia, Bacurau é um filme que tenta representar o passado. Faz isso a um custo bastante alto: romantiza o passado. Se

[1] Recebido em 12/04/2026. Aprovado em 23/04/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.24221782
[2] Universidad Nacional de Córdoba. cristianmarsili96@gmail.com



fosse uma narrativa que quisesse refletir o passado histórico, teria que mostrar as contradições da sociedade pré-capitalista ou pré-estatal. As diferenças de gênero e de classe que existiam. Em Bacurau, o mal só vem de fora para perturbar uma harmonia natural pressuposta. O poder só se explica em termos de exterioridade coercitiva, de força física. Isso aparece em várias ocasiões ao longo do desenvolvimento narrativo e implica tomar decisões que resultam chocantes. De onde surge a autoridade do prefeito? Por que ele precisa da aprovação da comunidade, se é uma figura imposta pela força, se apenas a força bastaria para conter a comunidade? Dentro da comunidade não há nenhum cúmplice do prefeito. Por isso é tão estranho que todos se escondam diante de sua presença. É que, se os vizinhos se mostrassem, a narrativa teria que estruturar alguma forma de cumplicidade entre representantes e representados. Não pode fazê-lo, já que teria que ir além da concepção de poder como força coercitiva e, portanto, romperia a ilusão de comunidade ideal. Em Bacurau não há cúmplices, nem traidores, nem sequer indiferentes. O único mediador entre dominadores e dominados é a força pura. E quanto aos vínculos entre os integrantes de Bacurau? Como chegaram a esse estado de convivência harmônica entre si? E as relações sociais que uma sociedade precisa para se reproduzir? Como se distribuem o trabalho e os benefícios do trabalho em Bacurau? Essa dimensão da vida social não pode ser colocada na narrativa. Se fosse desenvolvida, apareceria inevitavelmente alguma forma de conflito dentro dessa harmonia social pressuposta. O poder exercido de cima para baixo começaria, sem perder essa verticalidade fundamental, a cruzar interseções entre os integrantes da comunidade. Indiferenças, alianças, reverências, traições etc. teriam que ser incorporadas à narrativa e, novamente, romperiam com a ilusão de comunidade ideal (por isso as mercadorias não são produzidas em Bacurau, mas aparecem pela graça do prefeito).

O tipo de sociedade de Bacurau, pelo menos no aspecto da relação entre dominadores e dominados, é essencialmente pré-capitalista. O poder se exerce primordialmente pela força. A exploração precisa de algum mecanismo



extraeconômico para se realizar. Os sujeitos não são livres em nenhum aspecto. Se saem de Bacurau, são eliminados; se ficam, também. Em que sentido, sob o capital, os sujeitos são livres? Na medida em que os produtores são separados dos meios de realização do trabalho, e os trabalhadores passam a circular livremente como qualquer outra mercadoria. Na sociedade medieval, se um senhor adquiria uma extensão de terra, também adquiria o direito de expropriar parte da produção camponesa. Os camponeses eram, de certo modo, parte da terra. Com o aumento da produtividade agrária do capitalismo nascente, os camponeses passam a ser abundantes e desnecessários no campo. Após uma expropriação generalizada de suas terras, e portanto privados de seus meios de subsistência, veem-se obrigados a migrar e a ingressar em um esquema de liberdade formal nas cidades. A venda do trabalho, a relação salarial, se estabelece como uma venda voluntária. Ninguém obriga ninguém a trabalhar. A obrigação se expressa apenas na forma de necessidade material. Daí que, no capital, as relações de dominação estejam ocultas, apareçam como relações entre coisas. Simplificando: o trabalhador vende sua mercadoria, o trabalho, e recebe um salário, outra mercadoria. No meio ocorre a extração de mais-valia, na medida em que o capitalista paga ao trabalhador uma porção menor da massa total de valor produzida na jornada. Diferentemente do mundo antigo e do mundo medieval, onde a extração da mais-valia precisava de violência extraeconômica, a exploração econômica sob o capital não necessita de nenhum mecanismo externo à relação produtiva. Não precisa da força para se realizar.

Em Bacurau não há ideologia; as relações entre os integrantes da comunidade e entre a comunidade e o invasor são transparentes. Não há dobras nem zonas cinzentas. A lei medieval ou a lei antiga expressavam a relação de exploração sem ocultamentos. A lei determinava os modos pelos quais a escravidão ou o dízimo deveriam ser realizados. Na lei moderna, a relação de exploração não está dita; pelo contrário, está oculta sob a relação contratual. Ao consagrar a liberdade individual e a igualdade de todas as pessoas, e portanto a capacidade de estabelecer vínculos voluntários, se alguém decide vender sua força de trabalho, o faz por conta própria.



Não está obrigado. Evidentemente, as sociedades antigas não eram menos ideológicas que as modernas; basta lembrar o papel da teologia na justificação da ordem social. Ainda assim, nas sociedades modernas, a ideologia opera em outro sentido. Tem que negar a ordem social, a hierarquia, a exploração, em nome da igualdade. Se a ordem social no mundo antigo surge ideologicamente de uma ordem natural ou teológica, no mundo moderno deve ser apresentada como produto da interação livre entre indivíduos. A ideologia antiga não nega a desigualdade real, a justifica. A ideologia moderna deve negar a desigualdade real em nome da igualdade formal. Nesses termos, poderíamos dizer que Bacurau está mais próximo do mundo antigo ou medieval do que do mundo moderno. A estratificação social é evidente para todos: os de baixo sabem que são de baixo, e os de cima sabem que são de cima.

Se em parte a história do poder no Ocidente se explica por sua internalização, Bacurau pertence a esse passado em que a força coercitiva explica a ordem social, ainda que com uma armadilha já mencionada. As relações internas da comunidade não correspondem às relações do mundo antigo ou medieval, nem às das comunidades pré-colombianas. Não se explica como essa comunidade conseguiu se apartar das lógicas do mundo que a cerca e a invade, nem como é capaz de lidar com a escassez e com a luta de todos contra todos. Ou então há apenas uma explicação que não explica nada, de tipo psicológico: em Bacurau, os maus são excessivamente maus, movidos por uma espécie de pulsão pervertida, um instinto de destruição total. E os bons são excessivamente bons. Suas motivações não podem ser explicadas por nenhuma instância social ou política, muito menos por um evento histórico. Se fosse uma representação histórica, é demasiado benevolente com as formas de vida anteriores à conquista[3].

Até aqui, alguém poderia objetar que o cinema não tem que explicar nada. Não tem, a priori, nenhum imperativo político ou teórico a satisfazer. E estaria certo.

[3] Por isso escapa a dimensão nova trazida pelas tecnologias. Em Bacurau, a tecnologia a serviço do poder é apenas mais eficiente em sua função coercitiva. Os drones só exercem dominação por vigilância e força. O interessante nas novas tecnologias está na coleta e no processamento de dados.



Mas Bacurau se insere claramente no cinema de tese, um cinema que tenta explicar algo sobre a sociedade e, mais ainda, dizer quem são os bons e quem são os maus. A meu ver, essa é a forma mais pobre de fazer cinema; sempre culmina em alguma simplificação. A linguagem cinematográfica não suporta a complexidade do objeto social, e menos ainda pode dar explicações nos mesmos termos da formulação teórica[4]. Nesse sentido, parece mais interessante lembrar a concepção de cinema de Lucrecia Martel. Quando lhe perguntaram se, antes de filmar, sabia o que iria filmar em termos de significado mais substantivo, respondeu que não. Se soubesse o que uma cena significa, se pudesse esgotá-la em termos de roteiro, para que filmá-la? Sua concepção de cinema está mais próxima da pergunta do que da resposta. Dos problemas antes que das soluções. Se o cinema tem uma função teórica e política, para essa concepção, poderíamos dizer que é a de trabalhar no limite da compreensão de uma época sobre si mesma, mostrar os limites do discurso em que se inscreve. Um trabalho sobre suas ambiguidades, as tensões do real, seus pontos cegos.

O agente secreto é, sem dúvida, um filme desse tipo. E por isso não pode ser discutido da mesma forma que Bacurau. Se Bacurau pode ser lido como um argumento sem ambiguidades, quase como um artigo de polêmica, O agente secreto pertence ao campo da sugestão, de uma busca e não de um resultado. Tudo o que é simples em Bacurau é complexificado em O agente secreto. Especialmente a noção de poder. Não deixa de existir aquele poder coercitivo, exterior, presente em Bacurau, mas a preocupação já não está aí. O conflito, a contradição, também são internos à comunidade e ao sujeito. Essa interioridade é simbolizada duplamente no laço biológico entre pai e filho. O filho decide negar a memória do pai. E aqui, uma decisão realmente audaciosa e original de Mendonça Filho: o ator que interpreta o pai é o mesmo que interpreta o filho. Imediatamente, como espectador, surge a pergunta: por

[4] Se a sociedade é um conjunto de relações, e a teoria social deve dar conta delas, a linguagem cinematográfica tende, por sua natureza visual, a reificar essas relações, ou seja, a representar coisas e não suas relações.



quê? Por que o filho nega o pai? Essa pergunta abre uma dimensão ausente em Bacurau e tem grande valor sociológico e moral. A cena é devastadora, mas ao mesmo tempo não permite identificações simples: não se trata de bons e maus. O espectador é obrigado a refletir, a tentar entender o que acontece e por que foi afetado. Nesse sentido, O agente secreto navega nos limites da nossa compreensão histórica, tocando o não resolvido, o difícil de simbolizar. Para explicar essa cumplicidade do filho com o poder, essa encarnação do mal dentro da própria comunidade, não basta uma ideia de poder coercitivo. Nem um código normativo, nem uma política disciplinar em sentido estrito explicam essa operação. Sua existência física não está em risco e tampouco repete uma ação socialmente estabelecida: o filho age livremente. Por isso, para decifrar essa operação, é preciso caracterizar as condições nas quais se constrói sua subjetividade. Em certa medida, é útil pensar o problema em termos geracionais, ainda que apenas na medida em que as gerações representam épocas históricas.

Em O agente secreto vemos o vínculo entre três gerações: a do pai, a do filho e a que vem depois, representada pelas jovens que tentam reconstruir o ocorrido, poderíamos dizer a juventude atual. Qual é a relação da geração do filho, isto é, aquela que ingressou na vida política com as democracias nascentes dos anos 80, com os eventos de violência política ocorridos principalmente nos anos 70?

A geração do filho é produto da promessa democrática. Portanto, não pode se identificar com as formas de luta política anteriores à democracia. Foi a geração que acreditou que a democracia atual seria a plataforma para resolver todos os conflitos.

Na Argentina, o primeiro presidente do retorno democrático foi Alfonsín, que resumiu as expectativas populares dizendo: “com a democracia se come, se cura e se educa”. Essa plataforma foi construída sobre dois esquecimentos: a responsabilidade civil de parte da classe dirigente no processo militar, que agora deveria integrar o cenário democrático, e, por outro lado, as perspectivas dos anos 70 de uma justiça social substantiva e de soberania nacional, especialmente na América



Latina. O que resume ambos os esquecimentos é que, para a geração do filho, torna-se impossível pensar a violência política em geral e, em particular, a violência dos cidadãos contra o próprio Estado[5]. A negação do filho não seria a corporificação da lei de anistia? Como não levar o esquecimento a um extremo, se o que se devia esquecer era que os torturadores caminhavam impunes pelas ruas?

Em Bacurau não há esquecimentos nem memória reprimida. Não há delatores, nem torturadores, nem indiferentes. A memória não tem dobras nem obscuridades; é apenas o reflexo fiel do que ocorreu. Nesse sentido, memória e história coincidiriam, como para um empirista ingênuo coincidem representação e realidade. A memória é a soma dos atos heroicos e defensivos da comunidade. O reverso dessa concepção é o esquecimento como pura negação. Bacurau é apagado do mapa e, em seu lugar, nada aparece. Não há positividade dessa ausência. Não há deformação da memória. Em O agente secreto, a memória tem outras formas: está no corpo, como corpo do filho e como fantasma do passado que o persegue; e está nas coisas, como objeto manipulável em fitas, USBs etc. O próprio filme assume sua dimensão de exercício de memória, de reconstrução do passado. Apropria-se desse lugar por meio do salto temporal ao presente. Nesse sentido, é possível uma identificação entre a personagem Flávia, interpretada por Laura Lufési, e as intenções do filme. O passado deve ser reconstruído; cada presente o faz segundo suas próprias necessidades. A memória não é passiva nem completa, e o esquecimento tampouco.

[5] Em parte, a escolha do personagem — um professor universitário bem-sucedido no mundo privado, sem militância — reflete essa incapacidade de pensar a violência dos cidadãos. Poderia ter sido um guerrilheiro o protagonista? Teria o mesmo efeito? Na Argentina, isso tem uma dimensão particular: a guerrilha começou sob um governo democrático. Para a consciência democrática atual, os guerrilheiros deveriam ser julgados. Ainda assim, o programa da guerrilha no Brasil era instaurar uma democracia como a atual ou promover uma transformação social profunda, uma revolução? Essa dimensão foi reprimida na construção da memória. Por isso os militantes são lembrados como vítimas. Não é curioso que, onde houve coerção absoluta, como em Malvinas, falemos de heróis, e onde houve decisão radical, como na guerrilha, falemos de vítimas? O conceito de terrorismo de Estado é suficiente? A relação vítima-algoz não elimina uma dimensão do conflito? Por que é tão operativa a associação entre desaparecidos e vítimas, em que o desaparecido exemplar é aquele radicalmente inocente, não apenas quem não participou da luta armada, mas quem foi sequestrado por engano?



Essas reconstruções tornam-se mais necessárias quando o presente está em crise: como chegamos até aqui?

Wagner Moura agradece a Bolsonaro por este filme, dizendo que ele não teria sido possível sem sua presidência. Isso expressa justamente a tensão das nossas democracias atuais: além de não terem cumprido suas promessas institucionais e sociais, como puderam produzir figuras que as negam parcialmente? O que fazer com essa sacralização da vontade popular própria das iniciativas democráticas? O retorno democrático é, sem dúvida, uma conquista popular, mas é suficiente? Quem são os inimigos agora?